

A VÊNUS DE MILO E A VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA¹

Rafael Barrett

Caem sobre mim as cóleras de Apolo! Relutante do êxtase em que há dez anos me prostrava diante da Vênus de Milo. Hoje volto a ela instruído pela vida: a dor me dar forças para desvendar o mármore. Eis aqui a grande enganadora, sempre igual, com sua beleza eterna, imóvel, implacável; eis aqui o ídolo glacial e satisfeito, com sua cabecinha redonda e bem penteada, seus olhos cegos, seu leve sorriso desdenhoso, seu torso vasto e tranquilo, capaz de amparar sem estremecimento as carícias de Hércules. Aqui está, Vênus Urania, convencida de que tudo sabe, de que te amo acima da piedade e da dúvida, distante do mal, distante do homem. Acredita reinar em seu país e entre os de sua raça, mas mortos eles e seus deuses. E você também morreu. Era uma magnífica múmia, uma máscara brilhante e rígida, um molde vazio que orbita à categoria de desenho. Me diga, protetora em ratificar corpo de mulher, que fez com sua alma? Os acadêmicos adoram sua forma, e está vazia. Seu rosto mente: a mentira desce dele para longe de ti, falsificando até as raízes de seu pedestal, e devemos felicitar-mos por ignorar seus braços decorativos e suas mãos inúteis. Mente. Pretende expressar a plenitude da felicidade, a paz absoluta, a sabedoria perfeita e não há paz, não há verdade, nem felicidade: toda perfeição é um cadáver. Não há paz nos corações humanos nem nos olhares das bestas, nem entre as pétalas das flores, nem nas montanhas de rochas. Não há paz nas regiões do infinitamente pequeno, onde os átomos se chocam ou se fazem prisioneiros uns dos outros, ou se dissolvem no espaço como uma bruma fatigada. Não há paz – Oh, Urania! – nas regiões do infinitamente grande onde ardem os sóis e as luas congelam, onde o éter palpita e fluem rastros de germens que buscam ao acaso a matriz dos

¹ BARRETT, Rafael. *La Venus de Milo y la Victoria de Samotracia*. p. 05. In: **La Protesta** (suplemento semanal). Buenos Aires, ano 11, n. 83, 20 de agosto de 1923. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza.

astros. Não há paz nas regiões sem nome onde a morte medita e trabalha em silencio. Não há paz, não há paz. Não há mais que inquietude.

*
* *

Por isso guardo minha fidelidade para a divina imagem da inquietude, para essa Vitória de Samotrácia que no alto da escada central do Louvre ergue a nobre agitação de sua figura. Ao direcionar-me para ela os degraus se convertem sob meus pés nas escadarias de um templo. Sobre esta proa meio desfeita, a Vitória alça seu tronco retorcido pelo esforço e abre suas amplas asas que parecem se agitar. O conjunto é uma cruz que me lembra “a outra”. As mutilações desta obra sublime, tem não sei o que de tragicamente simbólico. A heroica fronte e os braços penosos se perderam. Da nave não ficou mais que a proa; em cima não ficou mais que as asas e a estátua decapitada avança no vazio. Sentimos que se tenha desprendido de sua terra e de seu tempo, que os cem fragmentos de seu ser, magnetizados pela impaciência, apenas reunidos sob os dedos dos arqueólogos, se tenham posto a caminho. As asas ruflaram de novo e graças a elas a vitória correu sobre as águas dos séculos e nos alcançou. Tocar seus sagrados joelhos; não é o frio da pedra, é o frio da noite. O vento esmagou a vestimenta contra a carne que se estremece, molhada pelo mar. O peito ainda respira. As asas ainda lutam com as ondas invisíveis. Uma imensa compaixão se apodera de mim. “Irmã, não te desejo em pensamento, estéril geometria do caminho que nunca passaremos. O destino te deixou as asas; te deixou completa, e sendo o mais puro dos gestos, é tudo. Mas seus músculos sofrem, repousa um momento. Detenha-se um dia, e amanhã continuará sua viagem”.

“Estou suspensa sobre o abismo, e deter-me é cair. Não há repouso para nós, meu irmão. Não confie nas nuvens azuis com que a aurora veste o horizonte. Nosso Oceano não tem ribeiras”.